

INS(ES)TABILIDADE E ANCORAGEM CATEGORIAIS: ENCAPSULAMENTO ANAFÓRICO EM MEMÓRIAS EPISÓDICAS SOBRE LAMPIÃO

Caio César Costa SANTOS¹⁶

Geralda de Oliveira Santos LIMA¹⁷

Resumo: Este estudo concentra-se no seguinte questionamento: de que forma e com que funções o encapsulamento anafórico é utilizado no contexto de memórias episódicas sobre Lampião? As noções de estabilidade e instabilidade categoriais serão reveladas a partir das estratégias de uso desse fenômeno referencial, com base em Mondada e Dubois (2003). No interior deste *corpus*, revelamos, pois, de diversas maneiras, como as informações dispersas do texto acumulam-se em apenas um sintagma nominal e, ainda, demonstramos como este mecanismo de encapsulamento amolda-se contextualmente por meio do poder instável das categorias, assim como do uso criativo de variados referentes.

Palavras-chave: Ins(es)tabilidade categorial. Encapsulamento anafórico. Memórias episódicas. Lampião.

Abstract: *This study focuses on the following question: how and with what functions anaphoric encapsulation is used in the context of episodic memories about Lampião? The notions of stability and instability will be revealed from application strategies of this referential phenomenon, based on Mondada and Dubois (2003). Within this corpus, we have revealed, in a variety of ways, how the information scattered on the text runs in just a noun phrase, and we have also demonstrated how this mechanism of encapsulation contextually shapes through the unstable power of the categories, as well as the creative use of various referents.*

Keywords: *Categorical stability. Anaphoric encapsulation. Episodic memories. Lampião.*

¹⁶Mestrando em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos, no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade Federal de Sergipe (UFS). São Cristóvão, Sergipe, Brasil, caio-costa@live.com.

¹⁷Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e docente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) e do Departamento de Letras Vernáculas (DLEV), da Universidade Federal de Sergipe (UFS). São Cristóvão, Sergipe, Brasil, geraldalima@gmail.com.

Introdução

O campo da Linguística de Texto (LT doravante) pode ser categorizado com apenas um sintagma nominal – superações! – da análise interfrástica à sociocognitivo-interacional. Essa nítida e instável evolução tem projetado profundas discussões e novos direcionamentos no cenário analítico sobre o texto. Nas últimas décadas, tem-se constatado a ascendência dessa Linguística devido à incorporação de uma nova roupagem conceitual e metodológica ao tratar-se do processamento textual, especialmente sobre os processos de constituição e estocagem dos referentes na dinâmica do discurso. Grupos de Trabalhos (GT's doravante) nacionais têm dedicado suas pesquisas às estratégias de uso de referenciação no interior de diferentes circunstancialidades e propósitos. Estudos estes amparados em diversas teorias acopladas às múltiplas perspectivas sobre o texto. Nesse sentido, a referenciação se apresenta como um dos domínios mais requisitados pelos estudiosos, atualmente, quando se pretende articular sintaxe, cognição e interação.

O presente estudo faz jus a tais descrições, incorpora este postulado de transcendência da língua como sistema ininterrupto de cadeias referenciais e congrega, contudo, dimensões que incitem a dinamicidade constitutiva dos referentes ou objetos de discurso, sejam elas, pragmáticas, contextuais ou memoriais. No interior dessa ótica, expomos o seguinte questionamento norteador: de que forma e com que funções o encapsulamento anafórico é utilizado no contexto de memórias episódicas sobre Lampião? As noções de estabilidade e instabilidade categoriais serão reveladas a partir das estratégias de uso desse fenômeno referencial, com base em Mondada e Dubois (2003). Os sujeitos entrevistados são moradores do município de Poço Redondo (SE), local em que Lampião esteve durante sua jornada. Os episódios extraídos destas entrevistas foram registrados com uso de gravador de voz no interior de um cenário de interação social¹⁸.

No primeiro tópico, apresentar-se-ão de forma breve, as (r)evoluções da Linguística de Texto com o objetivo de situar a concepção que mais se aproxima do mecanismo de referenciação. Posteriormente, expomos algumas interfaces e domínios do campo referencial e características da ins(es)tabilidade e ancoragem categoriais. Por fim, detectamos e analisamos as anáforas encapsuladoras em dois episódios sobre a história de Lampião, a fim de revelar não somente este poder natural de movimentação das categorias, como também das diversas intenções de uso dos interactantes na tentativa de empacotar porções antecedentes do co(n)texto. O aporte teórico delinea-

¹⁸ Para mais detalhes sobre tal *corpus*, ver Lima (2008).

se em pesquisadores como Apothéloz (2003); Apothéloz e Chanet (2003); Apothelóz e Pekarek Doehler (2011); Beaugrande & Dressler (1981); Conte (2003); Coseriu (1977); Francis (2003); Hanks (2008); Mondada (2005); Mondada e Dubois (2003), entre outros.

Qual Linguística é nosso suporte teórico?

No interior da ascendência da Linguística, enquanto reflexão teórica magnífica em meados do século XX, compreendida como aparato essencialmente científico, linguistas e filósofos da linguagem atentaram-se para novos direcionamentos epistêmicos assegurados pelo postulado saussuriano. Com a veiculação das dicotomias, sobretudo, a *langue* e *parole*, enxergaram a possibilidade de criação de outros domínios ou enlaces teóricos provenientes ou contaminados por essas famosas bifurcações constituídas através do “corte epistemológico” (PAVEAU; SARFATI, 2006).

A este grau de responsabilidade, Saussure (1995) concebe a língua como circunscrita numa dimensão extra-antropológica, objetiva e linearizada. Somente com esse comportamento foi possível a transparente teorização do paradigma moderno linguístico, até então, atentada por outras reflexões ou correntes filosóficas com o mesmo objetivo de inserir a língua ao encontro da ciência propriamente dita. Estudar a língua como objeto abstrato de forma a provocar rupturas com a linguística comparatista foi a meta principal de Saussure e tão bem discretizada.

Durante os vestígios da década de 60 a 70, a Linguística de Texto (LT) incorporou, sobretudo, estudos de mecanismos interfrásticos, embora de cunho diversos, sejam eles funcionalistas, gerativistas ou estruturalistas. O texto restringia-se a unidades frásticas complexas, *uma espécie de cadeias ininterruptas correlacionáveis*. O resultado limitava-se à concatenação sequencial, mero referenciamento (HARRIS, 1969; JAKOBSON, 1975). A completude destacava-se como uma das características fundamentais. Contaminado pelas veias estruturalistas, o tratamento da língua(gem) calcava-se na seleção, descrição e combinação categoriais. Nesse estágio lógico-formal, porém, descobriu-se que era por meio da unidade hierárquica – o texto como macroestrutura – que se emanava a coerência global, embora classificada ainda como sintático-semântica.

Posteriormente, a LT, amparada por teorias de base pragmática, integrou-se a fatores contextuais, de modo a reconstruir o projeto/plano textual a partir da integridade dos propósitos comunicativos, o “para quê” do texto (HANKS, 2008; LEVINSON, 2007; VIGOTSKY, 2007). Neste ângulo, investe-se na categorização da língua como *atividade*, com outros verbetes, ações ou atos

verbais e não verbais relacionáveis às propriedades do texto. Os estudos enunciativos compreendem essa formulação e trazem em seu bojo reflexões teóricas coerentes ao componente contextual, bem como referencial.

Contudo, o postulado sobre a referenciação enquanto processo insere-se mais precisamente a partir da década de 80, na qual se incorpora nova investigação conceitual, em sentido amplo, a interação atrelada à cognição é o resultado do processamento textual ou discursivo. Esta concepção norteia a terceira fase de avanço da Linguística de Texto e deste nosso trabalho. Por este prisma, menciona-se um questionamento norteador exposto por Adam (2010): “sob quais condições as ciências do texto podem interessar à análise textual dos discursos e ser coordenadas interdisciplinarmente?”. No interior dessa ótica, reside o desafio da Linguística de Texto: fornecer a outros arcabouços teóricos, ou disciplinas, dentre eles, a Análise do Discurso (AD), uma teoria do texto que transcenda os limites lógico-gramaticais e a mera descrição e combinação das categorias no modelo textual, vistos como pré-estabelecidos e determinados.

A esse respeito, Beaugrande e Dressler (1981, p.37) investem em uma nova perspectiva na qual o texto tem origem no interior de operações sociocognitivas interconectadas, uma espécie de “documento de procedimentos de decisão, seleção e combinação”, atitude esta memorável ao ideário convergido pelo estruturalismo clássico – paradigmático/sintagmático – porém, reatualizado por uma nova roupagem conceitual e metodológica. A existência de modelos mentais provenientes da Inteligência Artificial e da Psicologia Cognitiva sugere à Linguística Textual trabalhar com o conhecimento enciclopédico armazenado na memória e que serve de base aos processos de conceptualização e integração semântica.

Nesse contexto, abrigam-se as expectativas acerca do campo analítico da língua sujeito à lexicalização, à produção de inferências, ao suprimento de incompletudes com o conhecimento ilocucional, etc. Nesta atual fase, as formas de processar um texto emanam-se como estratégias cognitivas, sociointeracionais e textualizadoras (GARDNER, 1985; VAN DIJK, 2004; 2012). O processamento discursivo é estratégico e moldado conforme intenções de uso dos interactantes, interpretado como ‘cálculo mental’ ou conhecimento disponível referente ao texto-suporte, dependente de crenças e/ou da cognição cultural (TOMASELLO, 2008). *Texto – inferências – representações mentais*: este é o curso vital de uma análise linguística e coerente à referenciação.

Incursões no campo referencial: interfaces e domínios

Até que ponto o universo dos signos linguísticos coincide com a realidade ‘extralinguística’? Como é possível conhecer tal realidade por meio dos signos linguísticos? Qual o alcance da língua sobre o pensamento e a cognição? (BLIKSTEIN, 1995, p.17).

Essas questões e julgamentos atrelados à realidade social são provenientes da percepção cultural inata ao homem. A realidade como fábrica promulga tal decisão ao mesmo instante em que estimula, como “maquinaria”, nosso sistema semântico-perceptual (JIMENEZ, 1997). A referência engloba esse postulado e se encontra como produto da dimensão perceptiva, logo, delinea-se como evento cognitivo. De acordo com Blikstein (1995), “a práxis cria a estereotipia de que depende a língua e esta, por sua vez, materializa e reitera a práxis”. É, portanto, no interior da práxis ou prática social que reside a “força motriz” das representações mentais e da confecção dos referentes ou objetos de discurso em moldes estabilizados na clausura do texto, da dinamicidade categorial à sua cristalização, da instabilidade constitutiva à prototipicidade.

Esses objetos estabilizados, segundo Coseriu (1977), não convém serem classificados como estruturas da realidade, mas de estruturas impostas à realidade pela interpretação humana, a significação é a melhor representação desse processo. Primariamente, pensar em “representações” traz à baila uma relação de correspondência entre palavras e coisas, reconstituindo metáforas do espelho, do reflexo ou da mímeses – reflexão especular do discurso (MONDADA e DUBOIS, 2003). Por esta concepção, o processo referencial limita-se à prática sintática com o objetivo de capturar estruturas do mundo numa ordem estritamente linearizada, abordagem de inspiração hallidayana – referência textual como interpelação da “coesão referencial”.

Na verdade, segundo Salomão (2003, p.73) “correspondentismo e internalismo constituem as duas faces da mesma moeda”, uma vez que abrigam a relação linguagem e mundo, atrelada à exclusão do sujeito, de cujas responsabilidades das ciências cognitivas e sociocomunicativas transcenderam esse comportamento especular. No cerne da Razão filosófica, encontraram-se, por muito tempo, um mundo autodidata, autônomo, já discretizado em objetos ou entidades, sobrevivendo sem o estímulo ajustável e modelador da incorporação subjetiva, logo, do movimento natural da linguagem, tão caro ao processo referencial. Esse mecanismo puramente estático redimensiona uma perspectiva textualizadora amparada em segmentações ou na sequencialidade linear.

Durante algumas décadas, esse fora o ponto extremo da análise linguística, conseqüentemente, dos processos referenciais, embora, de acordo com Apothéloz e Pekarek Doehler (2011), foram nessas circunstâncias que se germinaram as noções de *antecedente*, tão preciosas, por exemplo, às anáforas encapsuladoras. Todavia, a crença ao universo exterior passível de inteligibilidade e descritibilidade sobre a realidade circundante permite a diluição desta razão estruturalista em um postulado conhecido pelas versões simultâneas e heterogêneas do discurso. É importante ressaltar, em consonância com esses autores, que esta evolução apesar de crescente, de outro lado, sobrevive às críticas ferrenhas sobre “doutrinas de fechamento do texto, doutrina que, sabemos, a liga com o pensamento estruturalista clássico” (p.318). Todavia, conforme explicita Salomão:

Nosso cérebro não opera como um sistema fotográfico do mundo, nem como um sistema de espelhamento, ou seja, nossa maneira de ver e dizer o real não coincide com o real. Ele reelabora os dados sensoriais para fins de apreensão e compreensão. E essa reelaboração se dá essencialmente no discurso (SALOMÃO, 2003, p.57).

Nesse contexto de análise, o estudo sobre a referência não se delimita na forma como tradicionalmente é abordado, “metáforas do espelho”, uma ocorrência de meras representações extensionais do mundo extramental, ao contrário, sugere-se outras focalizações reveladas no próprio liame do discurso, de tal forma que as operações de designação não se constituem como tais, fora do quadro representativo da interação. Sendo assim, é desconhecida a existência de realidades ontológicas unicamente estáveis em um campo determinado por aquelas operações. Nesse universo, convergem outras incorporações que nos obrigam a distanciar nosso foco retrógrado de referência ao conceito íntegro de dinamicidade constitutiva.

Incorporações estas que suscitam outros domínios teóricos avançados sobre o contexto, o lugar do sujeito de consciência, a introjeção da enunciação, bem como o papel da memória. Tais aspectos são acoplados à noção de referência, possibilitando o encontro de novas formas e funções localizáveis no trans(curso) do discurso. Com essa visão, é possível considerar, por exemplo, o contexto não mais como simples aporte exterior às informações proteladas, mas de engajá-lo como aspecto preponderante na constituição dos fenômenos observados. Apothéloz e Pekarek Doehler (2011, p.323) categorizam esta reflexão como um modo de “distanciamento das concepções egocêntricas e estáticas de referência em proveito de concepções sociocêntricas e dinâmicas”. Por muitas décadas, muitos pesquisadores envolveram-se nessa complexa transição com o objetivo de

levantar questões acerca dos fatores que determinam e condicionam a escolha das expressões referenciais a partir de um estatuto memorial, mental e sociointeracional.

O enquadre dessas formulações contempla o ideário de que a “realidade” da referenciação funciona no interior de “subrealidades”, as quais se delimitam como espaços marcados pela organicidade categorial, cuja reorientação desse domínio subjaz outras fronteiras designativas entre sequências discursivas homogêneas tematicamente. Ou seja, a coerência de uma categoria codificada como divergente emerge-se por frações de temas variáveis no diálogo com outros fenômenos linguísticos na dinâmica da sequencialidade constitutiva. Este modelo faz vigorar a concepção colaborativa dos processos referenciais e, por isso, não pressupõe uma hierarquia informacional. Tal especulação apresenta certa homogeneidade semântico-pragmática de forma a evocar características dos *segmentos discursivos*.

Essa gestão de tópicos faz corroborar com abordagens interacionistas, como a análise da conversação, a referencialidade ou os fenômenos anafóricos que se integram na relação entre texto e interação social. Os objetos de discurso são, nessa situação, local e sequencialmente realizados/organizados sob a negociação analítica e recíproca dos interactantes, modulados por ações e conteúdos temáticos. Esses processos interpretativos prospectivos ou retrospectivos religam os referentes à materialidade textual-discursiva numa espécie de ancoragem de dimensões segmentais (FRANCIS, 2003). Tal procedimento se procede como aparato empírico, uma vez que se enraíza na própria organização social e linguística do modelo textualizante.

Desta forma, revelam-se as perspectivas inéditas da referência, transparecendo a complexa articulação entre postulados sociointeracionais e cognitivo-informacionais, realçados em extensões perceptivas (mímico-gestuais), enunciativas ou memoriais (APOTHÉLOZ, 2003; APOTHÉLOZ e CHANET, 2003). O atual condicionamento e processamento do texto não objurga essa mudança de atividade no referenciamento, apenas faz complexificar o estudo dos fenômenos referenciais a fim de clarificar intenções de uso, às vezes, obscuras e escondidas nos próprios referentes.

Encapsulamento anafórico: ins(es)tabilidade e ancoragem categoriais segundo Mondada e Dubois

O fato, como veremos, é que a natureza essencialmente social da cognição se torna imprescindível que disponhamos de âncoras materiais para as integrações conceituais, através das quais rompemos as barreiras de nossa “internalidade” (nossa experiência mental subjetiva). Assim é que precisamos das “coisas” para não nos sentirmos isolados nestes “assustadores espaços infinitos” (SALOMÃO, 2003, p.78).

Antes de adentrar às principais funcionalidades do encapsulamento anafórico, é preciso situar a linguagem como fenômeno corpóreo, contatual, no exato momento em que se estabelece a referência (MONDADA; DUBOIS, 2003) como processo constituinte e constitutivo da língua e do sujeito. A língua naturalmente converte-se em “N” focalizações, uma delas e não menos importante, é a flexibilidade de convergência de uso do sistema linguístico ajustáveis aos modelos de mundo (BEAUGRANDE; DRESSLER, 1981; MONDADA, 2005; VAN DIJK, 2004, 2012). Os sujeitos, construídos e reconstruídos na própria dinâmica do processo referencial, têm ciência de seus papéis na costura do texto/discurso em qualquer esfera comunicacional.

Por essa ótica, neste tópico, contempla-se uma breve investigação das categorias encarnadas nos objetos discursivos e, conseqüentemente, nas próprias artimanhas de cada sujeito social ao defrontar-se com estes objetos na tentativa de focalizá-los – o princípio de *instabilidade constitutiva*. Estudos recentes em ciência cognitiva têm demonstrado que a formação de categorias ou entidades depende de nossas capacidades perceptuais e motoras e a forma de percebê-las é essencial para o desenvolvimento de processos como a significação de objetos. Tais objetos, de acordo com Mondada e Dubois (2003), não podem ser considerados meros dados ou informações, nem concebidos como preexistentes, devido a sua específica função de (trans)formar-se no (trans)curso de suas atividades, moldando-se a partir de contextos.

Esse transparente domínio comporta-se em um todo constituído por operações de cunho cognitivo-interacional, ancoradas em suas aplicabilidades, com outros vocábulos, nas atividades verbais ou não verbais (gestos, imagens, olhares, etc.), ambas negociadas pelo vínculo intersubjetivo (BENVENISTE, 1989; JAKOBSON, 1975) e pelo sistema perceptual e sociocultural (VIGOTSKY, 2007; TOMASELLO, 2008; LEONTIEV, 1978). Porém, é importante revelar que a referida instabilidade categorial não tem funcionamento unívoco, ao contrário, boa parte da sedimentação dos protótipos e estereótipos, como também de sua movimentação no curso da atividade verbal depende, essencialmente, de uma estabilidade observável a fim de fixar determinada referência e possibilitar a inscrição do objeto na trama discursiva. Essa articulação e interlocução são fundamentais. Nos estudos sobre o ato de “representar” o mundo, há diversos conflitos teóricos e conceituais que ludibriam alguns leigos desta área. Mondada e Dubois (2003) escrevem sobre tal assunto e formulam que:

No lugar de pressupor uma estabilidade *a priori* das entidades no mundo e na língua, *é possível reconsiderar a questão partindo da instabilidade constitutiva das categorias por sua vez cognitivas e linguísticas*, assim como de seus processos de estabilização. Isso nos leva a deslocar nossa atenção do problema das entidades da língua, do mundo ou da cognição para a análise dos processos que a constituem (MONDADA E DUBOIS, 2003, p.20, grifo nosso).

Nos processos de referenciação, o foco não se restringe a fenômenos de ordem organizacional ou informacional (JAKOBSON, 1975), nem a elementos cristalizados sem abertura para ressignificações, buscam-se como as atividades linguístico-cognitivas atribuem sentido ao mundo (HARRIS, 1969). Esse comportamento implica revelar um universo de negociações no qual as marcas dos sujeitos contemplam atividades sociais, tornando-as estáveis à medida que se aportam das categorias instituídas no próprio discurso. Da natural dinâmica de instabilidade constitutiva à estabilidade focalizada.

Os objetos de discurso, portanto, evoluem perceptualmente ao “sofrer” transformações materiais, resultantes de processos simbólicos complexos. As categorias utilizadas na descrição do mundo formam-se sincrônica e diacronicamente, uma vez que são múltiplas, instáveis e flexíveis (COSERIU, 1977). Pensa-se, portanto, numa aderência ao plano contextual discursivo no qual o uso de referentes percorre sucessivamente uma e outra categoria, dada a sensibilidade desta aos contextos de denominação (HANKS, 2008; VAN DIJK, 2012). Nesse mecanismo, a cognição está incorporada à labilidade e à própria plasticidade linguística adaptável a tantas situações comunicativas.

O carácter irreprimível das representações cognitivas é acompanhado de uma retroação destas sobre as representações figurativas, antes que ambas estejam terminadas. As características sensoriais são o material, ao passo que os esquemas são os planos dessa construção perceptiva. [...] os valores percebidos parecem efetivamente depender desses esquemas e da sua ativação (JIMENEZ, 1997, p.70-75).

Os sistemas cognitivos dependem fundamentalmente da multiplicidade de construções simbólicas emanadas dos sujeitos do que de restrições impostas pela materialidade do mundo (BARSALOU, 1983). Estas restrições encarnam apenas a veiculação da objetividade do mundo, fazendo produzir a estabilidade categorial, mas, a partir da *de categorização* desse ponto “estável” é possível redimensionar a evolução de cada categoria, tornando-a instável neste processo de evolução semântico-perceptiva e reconhecida/cristalizada em meio social, fenômeno denominado estereotipia.

A instabilidade constitui, então, um modo particular de descrever, classificar ou compreender o universo circundante, de forma “a lançar desconfiança sobre toda descrição única, universal, e atemporal do mundo” (MONDADA e DUBOIS, 2003, p.28). No âmago das atividades discursivas, as versões encontram-se, a todo instante, provisórias e coordenadas pelos próprios locutores, sendo assim, a dinamicidade das ancoragens categoriais manifestam-se em todos os níveis da organicidade linguística. É no encontro sustentável da enunciação à referenciação que se assumem rupturas de tratamento sintático em tempo real, de modo a possibilitar aos interactantes extensa dimensão das escolhas paradigmáticas e sintagmáticas (SAUSSURE, 1995).

O encapsulamento anafórico desdobra-se justamente na operação mutável das entidades linguísticas a partir da qual cada categoria ou entidade converge um ponto de vista ou domínio semântico de referencialidade, de modo a “disputar” com outras categorias correlacionáveis às precedentes. Essas nítidas ancoragens categoriais nada mais são do que *ajustamentos lexicais ou sequenciais contínuos e perceptíveis* no tempo real da enunciação.

Tais instabilidades subjazem não comportamentos de mera identificação ou nominalização dos objetos discursivos, mas incorporam uma atividade constante de categorizações, por isso, o engajamento ou introspecção particular subjetiva, condicionando a dimensão cognitiva como aparato fundamental no uso de encapsuladores. Sendo assim, o acoplamento dos grupos nominais ao discurso enriquece-se e alimenta-se incansavelmente por veias intersubjetivas, fazendo brotar o famoso encapsulamento anafórico (FRANCIS, 2003).

Conte (2003) é um dos linguistas reservados a trabalhar o condicionamento da referenciação, em particular, os papéis e funcionamentos do encapsulamento anafórico na dinâmica textual. Segundo alguns estudiosos, o termo encapsulamento tem origem em Sinclair (1983) e denominou-se *a priori* de “referência estendida”. Este fenômeno linguístico “é um recurso coesivo pelo qual um sintagma nominal funciona como uma paráfrase resumitiva de uma porção antecedente do texto” (CONTE, 2003, p.178). Com outras palavras, é construído um novo referente sob a base de um evento/fato preexistente, tornando-se, todavia, um novo argumento sujeito a predicções futuras. Este comportamento clarifica a existência transparente de argumentatividade, uma vez que o antecedente não é delimitado no texto e, por isso, deve ser reconstruído pelo leitor ou co-locutor. É importante ressaltar que os referentes desses sintagmas nominais encapsuladores não são *personas*, pois é concebido um caráter ontológico às entidades linguísticas de segunda ordem (estados de coisa, eventos, situações) e terceira ordem (fatos ou atos de enunciação) (LYONS, 1977).

Esse ato de encapsular tem um valor semântico-argumentativo relevante, à medida que condensam uma extensão do discurso, os próprios locutores desempenham o papel de avaliadores sobre a confecção de uma determinada categoria e não outra. Esse comportamento traz à baila categorizações dos conteúdos emergentes do contexto precedente, logo encarnam também um ideário de hipóstase, ou seja, aquilo que já está presente na trama discursiva é ‘cristalizado’ ou ‘sedimentado’, formando um novo referente convidado a expor novos direcionamentos conceituais.

Por esse ângulo, é coerente inserir os conceitos de estabilidade e instabilidade categoriais. Com efeito, embora se altere o tópico discursivo no uso de outras categorias ou grupos nominais, preserva-se a progressão temática ou condicionamento da organicidade discursiva ao engajar esse novo referente no interior de um esquema dado. É nesse prisma, então, que reside o papel das anáforas encapsuladoras de organizar, condensar e reformular sequências textuais. Conte (2003) explana sobre a importância desse tipo de encapsulamento por meio de seu funcionamento:

Como ponto de início de um novo parágrafo, o encapsulamento anafórico é *a sumarização imaginável mais curta de uma porção precedente*. Em outras palavras, é um tipo de subtítulo que simultaneamente interpreta um parágrafo precedente e funciona como ponto de início para um outro (CONTE, 2003, p.184, grifo nosso).

Portanto, são os sintagmas nominais encapsuladores que norteiam os pontos nodais do texto, de forma a chamar a atenção dos co-locutores diante de determinados focos específicos do “cárcere” discursivo – uma espécie de recurso de interpretação intratextual – embora seja evidente a relevância do componente contextual. A nova expressão referencial carrega posição retroativa e incorpora/integra os sentidos precedentes. Com outras palavras, de acordo com Conte (2003, p.184) “o sintagma nominal encapsulador produz um nível mais alto na hierarquia semântica do texto”.

Logo, a interpretação de uma expressão anafórica, por exemplo, não se concentra em localizar segmentos linguísticos (antecedentes) ou um objeto estabilizado no mundo, mas em reestabelecer descrições, a fim de vigorar enlaces explícitos e implícitos com a *memória discursiva*. Essa constatação redimensiona atos como remeter, retomar ou referir – unidades significativas providas de caráter pontualizador ao se tratar da referenciação (CONTE, 2003).

Estratégias de uso de encapsulamento anafórico em memórias episódicas sobre Lampião

Os estudos sobre referenciação e não menos relevantes sobre o encapsulamento anafórico encarnam em sua profunda essência a introspecção de memória(s), sejam elas sociais, coletivas,

semânticas, episódicas, etc (HALBWACHS, 2008; FOSTER, 2011). Após a focalização de determinada entidade linguística, no próprio ato de retomada ou retrospectção, a memória se encontra carregada de modelos mentais cujo domínio se processa no curso da textualidade. Esse recurso à memória se projeta em condições sociais do texto ou da enunciação e, com tais condições, é possível clarificar, em termos variáveis, a contextualização do acontecimento ou do sistema dado. Segundo Van Dijk (2012, p.11), “não é a situação social que influencia o discurso (ou é influenciado por ele), mas a maneira como os participantes definem essa situação”. Essa perspectiva engloba ou refere-se ao postulado sociocognitivista da língua(gem), tão presente na terceira fase da Linguística de Texto (LT).

Neste tópico, incorporamos a afirmação de que os contextos são construtos subjetivos; este enfoque dá conta das particularidades provenientes de cada texto (ou de seus fragmentos), assim como das representações mentais compartilhadas pelos interactantes na medida em que são inferidas na definição de “situação”. De diversos modos, as anáforas encapsuladoras expressam, pressupõem e sinalizam esses mesmos entendimentos contextuais. Logo, a elucidação pragmática das memórias episódicas sobre Lampião desse nosso trabalho depende fundamentalmente de contextualizações, permite-se que se façam inferências sobre o modelamento e definição do discurso. Portanto, as estratégias de uso de encapsulamento não se restringem à descrição ou combinação de categorias, uma vez que tentaremos explicar a ocorrência de propriedades de determinados fenômenos focais (objetos de discurso ou referentes) no interior de segmentos contextualizados.

Foram realizadas algumas entrevistas com moradores do município de Poço Redondo, na região semiárida de Sergipe, uma das localidades em que o cangaceiro Lampião esteve durante sua jornada. A análise a seguir, portanto, se sustenta na rememoração dos acontecimentos passados, construída e reconstruída a partir da imagem mítica desse personagem da história nordestina. História, memória e cognição são esferas que norteiam a todo instante cada episódio aqui revelado. Nas últimas décadas, este estudo sobre a “história oral” tornou-se um dos principais métodos incorporados às teorias do texto e do discurso e, especificamente, relevante no tratamento das relações entre eventos sociais e interpretações pessoais. Esse processo, pois, compreende-se como pessoal e situacional, na medida em que categorizamos o contexto como “fundo” para uma “figura” em alerta ou em foco (HANKS, 2008; VAN DIJK, 2008).

Nos fragmentos (1) e (2), as memórias episódicas são projetadas por categorias compartilhadas, estabilizadas e dotadas de uma base sociocultural que administram uma interpretação simultânea de eventos comunicativos único em curso. Areladas ao encapsulamento

anafórico, essas categorias instáveis e estáveis são refinadas pelos sujeitos da enunciação e cada fragmento ou sequência discursiva origina uma configuração, combinação e hierarquia diferente de categorias e seus enlaces coesivos. Todo esse processo desenvolve-se “à medida” e *online* e os interlocutores planejam prévia e prospectivamente muitas dessas categorias e propriedades prováveis do modelo (con)textual. Naturalmente, os eventos ou entornos revelados pelos sujeitos sociais na trama do discurso são acumulados e rememorados através de lembranças ocorridas no passado e redimensionadas ao *eu-aqui-agora* da enunciação, vejamos o exemplo a seguir:

(1) Na época do *cangaço*, a força do governo que se chamava de volante cometia muita violência e algumas vezes se faziam passar *pelos cangaceiros*, porque *os homens da polícia* se pareciam com *os do bando de Lampião* na maneira de se vestir e que muitas vezes se passavam *pelos cangaceiros* só pra espancar as pessoas mais pobres e quando a notícia se espalhava *essas maldades* eram atribuídas aos cangaceiros. O povo mais velho daqui do Poço conta que muitas vezes a volante mandava as pessoas cortar varas ou cipó de pinhão para apanhar, levar surras diante da própria família. *Essas histórias... Essas informações* são passadas né? Contadas né? Pela própria população daqui do Poço, pela de Porto da Folha e de Monte Alegre e de outros lugares (MT, Entrevista 14, p.300-301).

A priori, um fato preponderante em (1) é a forma com que as categorias linguísticas são atribuídas àquilo que poderíamos denominar contexto “referencial ou semântico” que consiste em coisas ou pessoas encarnadas nessa situação. A percepção e consciência dos objetos discursivos presentes fazem com que este enunciado incorpore um status de “incompletude”, visto que os sentidos das anáforas encapsuladoras derivam do conhecimento disponível dessa contextualização. As sequências discursivas são base comum para o processo de encapsulamento. Neste exemplo, primariamente, conhecemos a noção de instabilidade constitutiva em direção da estabilidade categorial expressas em itálico, esses objetos enfatizados evoluem perceptualmente ao “sofrer” transformações materiais e simbólicas governadas por atos subjetivos.

Estas variações categoriais em *cangaço – a força do governo – os homens da polícia – bando de Lampião* asseguram o poder de plasticidade linguística e cognitiva e uma garantia de adequação contextual e adaptativa (MONDADA; DUBOIS, 2003). Essa rotulação dos sintagmas nominais é tematizada em várias outras circunstâncias enunciativas, de forma a focalizar outros pontos nodais do texto, alertando o leitor para o segmento prospectivo (FRANCIS, 2003). O locutor deste depoimento estabelece um princípio organizador segmental a todo instante; a categoria lexical *cangaço*, a nosso ver, tem função resumitiva de todo o desfecho do enunciado, antecipando as predicções futuras, em outras palavras, as informações prospectivas passíveis de categorização sobre o universo do *cangaço*.

A expressão *a força do governo* redimensiona e fortalece o protótipo *o cangaço*, fazendo com que este encarne uma posição estereotípica, ou seja, que se torne objeto cristalizado ou estabilizado no meio social, uma vez que, *a priori*, ainda se apresenta como termo desconhecido pelos coenunciadores (sujeitos externos à cultura de Lampião).

O enunciador impõe pontos de vista, domínio semântico-referencial, a concorrer com outras categorias posteriormente sugeridas, produzindo sentido por meio de contrastes em *força do governo/os homens da polícia versus os cangaceiros/bando de Lampião*. Estas categorias se ancoram no universo textual ativado anteriormente (*o cangaço*). O encapsulamento anafórico surge no decorrer do enunciado, localização discursiva não muito comum a este fenômeno. Ele alcança sua função de retrospectiva em *a notícia* cujo domínio se processa como sintagma nominal neutro, sem nomes avaliativos ou adjetivos modificadores, apenas com determinante – *a*. Porém, esta anáfora consegue encapsular os atos dos *homens da polícia*, redimensionando uma atmosfera sombria, violenta ou monstruosa, de modo a servir como manipulação argumentativa.

Em *essas maldades* apresenta-se outro encapsulamento de nome axiológico ou valorativo. Mesmo desprovido de adjetivo modificador, este sintagma nominal emana poder dêitico através do demonstrativo *essas*, atitude que focaliza e fortalece a intenção violenta dos cangaceiros, uma espécie de reinado do terror. Conte (2003) defende essa natureza estabelecadora de referente no processo de condensação das ideias, o que favorece a recorrência de determinantes demonstrativos em vez de artigos definidos.

Domínio semelhante acontece em *essas histórias... essas informações*, todavia, localiza-se numa posição comum às anáforas encapsuladoras, ou seja, no início do segmento. Nesta passagem, a estratégia do locutor se concentra na inferência de um novo referente discursivo no modelo (con)textual. Essas duas novas expressões referenciais funcionam retroativamente como recurso de integração semântica sequencial, embora desprovida de categorização, mas abarcada pelo fenômeno de hipóstase de função argumentativa. Se tais expressões referenciais (*essas histórias... essas informações*) fossem substituídas, digamos, por *esse extermínio*, o domínio referencial seria conduzido a uma estratégia de hipostasiação emanada por um ato de fala, pois conectaria o engajamento particular e cognitivo em nível metacomunicativo. Em outras palavras, além de conectar a informação precedente, a expressão (*esse extermínio*) categorizaria o evento como torturante e monstruoso. Em (2) observam-se outros domínios referenciais de encapsulamento:

(2) No tempo de Lampião, ele chegava na casa do povo e falava: - o que que se come aqui? E respondiam: - aqui se come qualquer coisa! Se tem uma galinha, um

carneiro ou um bode, *uma coisa assim*. Aí Lampião: mate aí pra nós comer! Aí matava *qualquer coisa* e fazia *aquela comida* e o povo do bando comia. Depois Lampião pegava *dinheiro*, quer dizer, a nota ele botava no bolso e *aquele trocadinho de dinheiro*, *aquele dinheiro miúdo*, ele pegava e dizia tome menininho, então enchia a mão assim e dava pros meninos, porque ele não podia dar muito, mais agradava né? Agora que *a polícia* contratada não dava nada a ninguém podia era dar pancada, muita gente apanhou! *Essa força* quando chegava pedia comida, aí comia, e aí, quando acabava de comer, quebrava prato, quebrava panela, esbagaçava com tudo e era pra não dizer nada se não na certa caía era na pancada. *O sofrimento* nem era remediado por forças do governo (AAA, Entrevista 4, p.265).

Nesse exemplo (2), a expressão referencial *uma coisa assim*, podemos considerá-la como um encapsulamento anafórico retrospectivo, visto que esse sintagma nominal condensa todos os elementos referentes à comida. A introdução desse objeto de discurso (*uma coisa assim*) mostra como os processos referenciais estão relacionados a outros pontos nodais dentro e\ou fora do texto. É interessante observar o uso dessas expressões, já que elas categorizam novos modelos referenciais. As formas nominais *aquele trocadinho de dinheiro/aquele dinheiro miúdo*, por exemplo, englobam posições focalizadas. A estabilização de ambas enquanto objetos de discurso concentram-se em estratégias de articulação funcional das categorias emanadas de escolhas lexicais e sintáticas compatíveis.

O demonstrativo *aquele* permanece em destaque, enquanto que *trocadinho de dinheiro* se apresenta como grupo nominal desprovido de nome axiológico e *dinheiro miúdo* exerce reformulação categorizável; contudo, oferece a mesma focalização no texto, ancorando, de forma pontualizada, em *dinheiro*. Esse domínio faz jus à dependência do aspecto cognitivo e à dimensão referencial. É interessante observar o uso dessas categorias, desses novos modelos mentais (*aquele trocadinho de dinheiro/aquele dinheiro miúdo*), já que esses dois referentes englobam posições focalizadas, muito embora se descarte o poder dêitico e encapsulador.

O sintagma nominal *essa força* recategoriza o objeto de discurso *a polícia*, anteriormente apresentado no cotexto, prototipificando as anáforas correferenciais e projeta um alto índice de potencial anafórico cuja estratégia argumentativa vigora em nomes de opinião. Embora os demonstrativos sejam conhecidos como neutros, o denominador comum desse sintagma nominal é que ele exerce tal atitude para sumarizar, reformular, condensar a porção antecedente do (con)texto (FRANCIS, 2003). A própria carga semântica de *força* condensa a eficácia da “polícia contratada” e seus atos antiéticos, de forma a introduzir um novo segmento no interior de um processo de integração semântica. Por conseguinte, embora esteja explícito, a retomada, no modelo discursivo, de um objeto previamente introduzido (*a polícia*), o anafórico *essa força* carrega posição de um ‘sujeito

encarnado’, projetando diversas ações a fim de estabilizar as sequências subsequentes como vemos em: *Essa força quando chegava pedia comida, aí comia, e aí, quando acabava de comer, quebrava prato [...]*.

Finalizando a análise desse fragmento (2), vamos observar que o autor/locutor do texto ativa (introduz) um novo referente (*o sofrimento*), anáfora encapsuladora retrospectiva e indireta (FRANCIS, 2003), já que sumariza as informações precedentes do texto, focando nas informações-suporte. Há, portanto, uma afinidade entre sentenças, pois suscita outra reformulação condizente ao contexto “dessa força”, porém ausente de focalizações explícitas. Contudo, o locutor consegue, com aquele referente (*o sofrimento*), amparado pelo determinante definido *o*, não somente sintetizar uma extensão do discurso, como também categorizá-la, oferecendo certo tipo de avaliação dos fatos ou eventos descritos, mesmo na ausência de atributos modificadores.

A própria dinâmica da organicidade desses fragmentos, aqui apresentados, revelam as funções cognitivo-discursivas das expressões nominais referenciais e como cada categoria (trans)forma-se de acordo com as pretensões dos interactantes. O empacotamento dos segmentos, ou do discurso como um todo, traz em seu bojo não apenas a ideia de organicidade formal, mas temática. É, portanto, esse fenômeno de empacotamento que propicia, interativamente, a organização simultânea e dinâmica da língua.

Considerações Finais

Com a análise dessas estratégias de uso, constatamos que a interpretação de quaisquer encapsulamentos anafóricos tem a inferência de uma interpretação sintática, bem como da dependência quase unânime de fatores pragmáticos e contextuais. Se não existisse tal fenômeno de empacotamento, em sentido amplo, a língua enquanto estrutura reduziria-se a segmentações desorganizadas ou dispersas no texto/discurso. Se a língua é fundamental para a comunicação humana, as anáforas encapsuladoras são essenciais para a língua por sua capacidade de constituir, desestabilizar e estabilizar objetos de discurso. De fato, estudar a língua redimensiona práxis, logo, significa atentar-se para as construções simbólicas de cada locutor ou grupo social imersas em situação de interação verbal. Tais construções englobam as representações mentais na busca da estabilidade de suas categorias.

Nesse sentido, proporcionamos um breve estudo sobre o papel e funcionamento das anáforas encapsuladoras no contexto de memórias episódicas sobre Lampião. Nessa dinâmica, revelamos,

pois, de diversas maneiras, como as informações dispersas do texto acumulam-se em apenas uma entidade linguística ou sintagma nominal e, ainda, demonstramos como esse mecanismo de encapsulamento amolda-se contextualmente através do poder instável das categorias, assim como do uso criativo de variados referentes por manipulações subjetivas. Neste nítido domínio, apresentamos como as relações entre formas linguísticas e circunstâncias capturadas são indissociáveis.

No final das discussões, percebemos que não é o recurso ao encapsulamento anafórico o gerador dessas contextualizações aqui analisadas, mas, sobretudo, as condições sócio-históricas e culturais que são anteriores a quaisquer produções discursivas no âmbito da Linguística de Texto. Ao escolher como *corpus* as memórias ou eventos sobre Lampião foi com o objetivo de imortalizar esta entidade social simbolicamente, por meio de suas ações acometidas no curso de sua vida enquanto personagem da história sergipana. Referenciação, memória e interação sintetizam os resultados parciais deste estudo que começa a enraizar-se.

Referências

- ADAM, J.-M. Por uma colaboração das ciências do estabelecimento dos textos (genética, filologia, tradução) In: ADAM, J.-M., HEIDMANN, U.; MAINGUENEAU, D. **Análises textuais e discursivas: metodologia e aplicações**. São Paulo: Cortez, 2010. p.15-43.
- APOTHÉLOZ, D. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p.53-84.
- _____; CHANET, C. Definido e demonstrativo nas nomeações In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p.131-176.
- _____; PEKAREK DOEHLER, S. Novas perspectivas sobre a referência: das abordagens informacionais às abordagens interacionais. Tradução de Mônica Magalhães Cavalcante e Tércia Montenegro Lemos. **Revista Intersecções**. São Paulo: Jundiaí, ano 4, n. 2, p.317-350, 2011.
- BARSALOU, L. W. Memory and Cognition. **Categories**. 11(3), p.211–227, 1983.
- BEAUGRANDE R; DRESSLER, W. U. **Introduction to text linguistics**. London: Longman, 1981.
- BENVENISTE, É. Da subjetividade na linguagem. Tradução de Maria da Glória Novak e Luiza Neri. In: **Problemas de Linguística Geral I**. São Paulo: Ed. Pontes, 1989. p.284-293.
- BLIKSTEIN, I. **Kaspar Hauser ou A fabricação da realidade**. São Paulo: Cultrix, 1995.
- CONTE, M-E. Encapsulamento anafórico In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p.177-190.

- COSERIU, E. **Principios de Semântica Estructural**. Madrid: Editorial Gredos, 1977.
- FRANCIS, G. Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p.191-228.
- FOSTER, J. K. **Memória**. Tradução de Camila Werner. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- GARDNER, J. **A nova ciência da mente**. Tradução de C. M. Caom. São Paulo: EDUSP, 1985.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.
- HANKS, W. F. **Língua como prática social**: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. *et al* Tradução de Ana Christina Bentes, Marco Antônio Rosa Machado, Marcos Rogério Cintra e Renato C. Rezende. São Paulo: Cortez, 2008.
- HARRIS, Z. S. Analyse du discours. **Languages**, n° 13. Paris: Didier Larrousse, p.8-45, 1969.
- JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1975.
- JIMENEZ, M. **A psicologia da percepção**. Tradução de António Viegas. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- LEONTIEV, A.N. O homem e a cultura. Tradução de Manuel D. Duarte. In: _____, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte, 1978. p.261-284.
- LEVINSON, S. C. **Pragmática**. Tradução de Luís Carlos Borges e Aníbal Mari. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- LIMA, G. O. S. **O Rei do Cangaco, O Governador do Sertão, O bandido Ousado do Sertão, O Cangaceiro Malvado**: Processos referenciais na construção da memória discursiva sobre Lampião. Tese (Doutorado) – Instituto da Linguagem da Unicamp, Campinas, 2008.
- LYONS, J. **Semantics**. London: Cambridge University Press, 1977.
- MONDADA, L. A referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Org.). **Referenciação e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p.11-31.
- MONDADA L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p.17-49.
- PAVEAU, M-A.; SARFATI, G-E. As linguísticas discursivas. Tradução de M. R. Gregolin In: _____, M-A; _____, G-E. **As grandes teorias da linguística**: da gramática comparada à pragmática. São Carlos: Claraluz, 2006. p.191-214.

SALOMÃO, M. M. M. Razão, realismo e verdade: o que nos ensina o estudo sociocognitivo da referência. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, (44): p.71-84, 2003.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Perspectiva, 1995.

TOMASELLO, M. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva**. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **Cognição, discurso e interação**. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. *et al* Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 2007.